



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA: A REVOLUÇÃO MEXICANA NO**  
**ROMANCE “COMO ÁGUA PARA CHOCOLATE” (1989)**

**AMANDA SABINA BORGES DOS SANTOS**

**SÃO CRISTÓVÃO**  
**2023**

AMANDA SABINA BORGES DOS SANTOS

**ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA: A REVOLUÇÃO MEXICANA NO  
ROMANCE COMO ÁGUA PARA CHOCOLATE (1989)**

Trabalho apresentado ao Departamento de  
História da Universidade Federal de Sergipe  
como requisito parcial para obtenção do grau  
de Licenciatura Plena em História.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Maza

**SÃO CRISTÓVÃO**

**2023**

## SUMÁRIO

RESUMO.....	4
ABSTRACT .....	4
1. INTRODUÇÃO .....	5
2. A REVOLUÇÃO MEXICANA.....	7
3. INTERFACES ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA.....	13
4. COMO ÁGUA PARA CHOCOLATE .....	17
4.1. A AUTORA .....	17
4.2 A OBRA E AS REFERÊNCIAS A REVOLUÇÃO .....	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	26
REFERÊNCIAS .....	27

## RESUMO

Tendo em vista as possibilidades no uso das obras literárias ambientadas em acontecimentos históricos. O presente artigo versa sobre a relação entre História e Literatura, a partir de uma análise do romance *Como Água para Chocolate* (1989), da escritora mexicana Laura Esquivel, a fim de demonstrar como a Revolução mexicana aparece na referida obra e, assim, apontar de que modo podemos compreender os seus acontecimentos, analisando as referências a Revolução presentes no romance que narra a história de Tita e sua luta por amor e liberdade. Para tanto, foi necessário apresentar a Revolução mexicana, enquanto processo histórico transformador, que se consolidou no imaginário político, cultural e social do país. Em seguida foi feito um breve esboço sobre as discussões que norteiam as interfaces entre História e Literatura e, por fim, como essas áreas se encontram, na narrativa de Esquivel, que caminha entre o real e o irreal. E também, como a autora foi inspirada pelos acontecimentos da década de lançamento da sua obra.

**PALAVRAS-CHAVE:** Revolução Mexicana; Literatura e História; Laura Esquivel; Romance.

## ABSTRACT

Considering the possibilities in the use of literary works set in historical events. This article deals with the relationship between History and Literature, based on an analysis of the novel *Como Água para Chocolate* (1989), by Mexican writer Laura Esquivel, in order to demonstrate how the Mexican Revolution appears in that work and, thus, point out How we can understand its events, analyzing the references to the Revolution present in the novel that tells the story of Tita and her fight for love and freedom. To do so, it was necessary to present the Mexican Revolution, as a transformative historical process, which was consolidated in the country's political, cultural and social imagination. Next, a brief outline was made of the discussions that guide the interfaces between History and Literature and, finally, how these areas meet, in Esquivel's narrative, which walks between the real and the unreal. And also, how the author was inspired by the events of the decade in which her work was released.

**KEYWORDS:** Mexican Revolution; Literature and History; Laura Esquivel; Romance.

## 1. INTRODUÇÃO

Caracterizada como o mais importante fato histórico do México no século XX e também a primeira revolução de caráter social da América Latina, antecedendo outros importantes marcos para a história mundial: a I Guerra (1914); a Revolução Russa (1917) e a Revolução Cubana (1959). A Revolução mexicana é um tema bastante debatido pela historiografia. Esse processo revolucionário teve início em 1910 e seus desdobramentos se deram por todo o país, desencadeando uma série de conflitos e transformações profundas na sociedade mexicana. A revolução deu voz a um México camponês e indígena, abrindo caminho para que se desenvolvessem novas formas de relação entre o Estado e a sociedade civil, afim de que as demandas dos setores populares por terra, direitos trabalhistas e educação fossem enfrentadas.

A Revolução encerra a longa ditadura de Porfírio Diaz (1830-1915), construindo novas formas de relação entre a sociedade civil e o Estado. O processo Revolucionário teve no centro da sua existência o protagonismo de camponeses e indígenas, fortemente presentes na sociedade mexicana. Gerando líderes populares cujos feitos são pontos centrais das memórias da Revolução. Após a queda de Porfirio Diaz, diversos atores entraram em cena para moldar as relações políticas e sociais do país. Agentes importantes para o desenrolar dos acontecimentos que fizeram da Revolução um marco para a história mundial, posicionando-a nos variados centros de discussões.

Personagens como Francisco Madero (1873-1913), Victoriano Huerta (1854-1916), Venustiano Carranza (1859-1920) e Álvaro Obregón (1880-1928), estiveram à frente dos conflitos em diferentes momentos. Em outras frentes estavam os representantes populares da Revolução, com tropas formadas por camponeses, indígenas, vaqueiros, ferroviários e demais populares. No Sul, destacou-se o exército revolucionário de Emiliano Zapata (1879-1919). E no Norte, o de Pancho Villa (1878-1923). Sendo estes, os principais representantes das demandas populares da Revolução. Para este trabalho, é de nosso interesse os desdobramentos ocorridos no Norte do país, sob o comando de Pancho Villa, pois, *Como Água para Chocolate (1989)* é ambientado no Norte do país e as referências a Revolução se concentram em Pancho Villa e nas suas tropas revolucionárias.

Além das diversas manifestações políticas, a Revolução também abre caminho para diversas manifestações artísticas e culturais, abrangendo o campo da pintura,

cinema, fotografia e principalmente da literatura, sendo este último, o objeto de análise desse trabalho. A literatura oferece múltiplos sentidos, possibilidades e desdobramentos. Os romances ambientados em processos históricos, permite uma compreensão valiosa sobre a representação do fato, comportando, através das descrições dos personagens, dos diálogos, das ações, as imagens sensíveis do mundo. Abrangendo o campo de análise a partir das percepções do que poderia “vir a ser”. E no caso do romance a ser analisado, é necessário salientar que, dentro da Literatura mexicana, os conflitos da Revolução estão presentes em obras escritas desde antes do fim dos conflitos, como é o caso de *Los de Abajo* (1915), do Mariano Azuela (1873-1952).

Sendo assim, neste trabalho iremos analisar o romance *Como Água para Chocolate* (1989), da mexicana Laura Esquivel. Lançado sessenta e nove anos após o fim dos conflitos armados da Revolução. Em uma década marcada por governos sucessivos do Partido da Revolução Institucional (PRI), alinhado a ideologias direitistas, desencadeando uma série de descontentamentos e contestações pelos setores sociais. Desse modo, o romance de Esquivel, ao narrar a história de luta por amor e liberdade da protagonista Tita, em um contexto de transição social e política, encontra na sua ambientação um passado em que o México já estava distante.

Visando abordar as interfaces entre o campo relacional da História e Literatura, a partir da análise da narrativa de *Como Água para Chocolate* (1989), a relevância da análise proposta nesse trabalho advém das possibilidades e interdisciplinaridade do uso das áreas citadas. Posicionando nos debates historiográficos o uso de novas fontes, nesse caso, as obras literárias que, comportam características de uma época e fato histórico. É pensando a partir dessa perspectiva, que dentro do campo de análise, não basta apenas uma abordagem do conteúdo das obras, mas o impacto dessas na sociedade e o legado que posiciona diante desta. Sabendo que a literatura sempre esteve presente durante e após os conflitos do processo revolucionário, o que compreendemos sobre a Revolução Mexicana lendo *Como água para chocolate*?

Para tanto, a metodologia utilizada para o desenvolvimento deste artigo, compreendeu uma divisão do trabalho em três momentos: no primeiro momento, buscou-se apresentar algumas considerações sobre a Revolução mexicana dentro da historiografia, a partir das obras *A Revolução Mexicana*, Carlos Alberto Sampaio Barbosa (2010); *La Revolución Mexicana: transformación social y cambio político* (1876-1940), Hans Werner Tobler (1983). No segundo momento, são expostas algumas interfaces entre

História e Literatura, buscando introduzir o campo de análise, a partir dos textos: Os desafios teóricos da história e a literatura, Carlos V.C de Mendonça e Gabriela S. Alves (2013); História & Literatura: Uma velha-nova história, Sandra Jatahy Pesavento (2006); Literatura como missão: tensões sociais e criações culturais na primeira república, Nicolau Sevcenko (2003); Uma história intelectual do romance da Revolução Mexicana: escritores, camadas populares e ideias em circulação, Warley Alves Gomes (2021). Por último é feito um breve esboço biográfico sobre Laura Esquivel e por fim, o romance é analisado, com base nos apontamentos feitos anteriormente, destacando a temática histórica presente na obra.

## 2. A REVOLUÇÃO MEXICANA

Dentro da historiografia, a periodização da Revolução Mexicana é sistematizada e debatida por diferentes historiadores. Não há controvérsias quanto ao seu início, em 1910, em contrapartida, o debate sobre o ano de término do conflito costuma ser bastante variável. Sendo 1917 e 1920 os que mais aparecem. Não obstante esses dois foram importantes no desenrolar da revolução: 1917 pela promulgação da Constituição Mexicana, e 1920 pelo fim da fase chamada de etapa armada. Neste trabalho, consideramos à Revolução dentro de um processo de continuidade, com base nos trabalhos de Tobler (1994), que considera a revolução dentro de um processo chamado de “fase tardia da revolução”, e Barbosa (2010), cuja linha de pensamento está alinhada ao que foi posto por Tobler. Assim, enxergamos a revolução como um processo contínuo, que se inicia em 1920, fase de institucionalização e consolidação das demandas da Revolução, culminando no governo de Lázaro Cárdenas (1895-1970), entre 1934 e 1940, quando enfim são implementadas algumas das propostas da Revolução.

Antes de adentrarmos nos acontecimentos que definem a Revolução mexicana, baseando-se nas obras de Tobler (1994) e Barbosa (2010), abriremos um parêntese para citar uma das obras que abordam a Revolução mexicana dentro de um período de 1910-1917, afim de mostrar de forma específica como esse debate é desenvolvido dentro da historiografia. A obra “A revolução mexicana 1910-1917”, de Anna Maria Martinez Corrêa, publicada pela editora Brasiliense em 1983, aborda a revolução a partir de um estudo sobre os acontecimentos que antecederam o processo revolucionário, destacando o desenvolvimento e implantação do capitalismo no México, culminando no estabelecimento da ditadura de Porfírio Díaz (1830-1915) e em seguida o seu declínio,

motivado pela instabilidade política que surgia, devido ao jogo de interesses entre as classes dominantes e pela crescente desigualdade social que afetava o país. Em seguida, delimita os acontecimentos da revolução até a promulgação da Constituição Mexicana, em 1917. A autora pontua que foram excluídos das discussões referentes a promulgação da constituição, as lideranças operárias, os villistas e os zapatistas, ou seja, os que, dentro do processo revolucionário, representavam as camadas populares do país. Desse modo, Corrêa aponta que a partir da constituição, a burguesia consegue institucionalizar a sua vitória. Apesar de sua obra abarcar a revolução dentro do período de 1910-1917, em algumas linhas a autora sinaliza que de certo modo, a revolução não foi encerrada em 1917:

[...]Entretanto, é preciso considerar que 1917 é um novo momento histórico, durante o qual **não se poderia ignorar o levantamento de camponeses e de operários organizados e armazenados, apresentando suas reivindicações.** Os camponeses armados sob as lideranças de Villa e de Zapata, no momento em que se elaborava a Constituição, estavam apenas contidos, mas não eliminados. [...] **A aplicação efetiva da Constituição de 1917 não se fez tranquilamente.** Para o estabelecimento definitivo da hegemonia burguesa havia ainda muitas dificuldades a contornar, mas, de qualquer maneira, a burguesia havia conseguido institucionalizar sua vitória. **Se para a burguesia mexicana este era um momento de euforia, para as classes populares o momento era de recolhimento, mas não necessariamente o fim[...].** (CORRÊA, 1983, p. 109-111, grifo nosso)

É dentro de uma perspectiva de continuidade que pensamos a Revolução Mexicana que eclodiu em 1910 e que iremos apresentar os seus desdobramentos nas próximas linhas, como já mencionado, tomando como base, os trabalhos de Tobler (1994) e Barbosa (2010), considerando os seus acontecimentos como multifacetados e fragmentados, abrangendo diversos movimentos, dentre os quais, nos interessa o ocorrido na região Norte do país. Quando se aproximava novas eleições presidenciais, Porfirio Díaz anunciou sua candidatura pela sétima vez consecutiva, era presidente do país desde 1876. Conforme Barbosa (2010), nos anos em que esteve no poder, Porfirio, garantiu a estabilização da economia e da política, colonizou terras baldias, melhorou as comunicações e os transportes, realizou mais obras públicas e as cidades foram objeto de reformas urbanísticas. Entretanto, setores importantes da sociedade, como os camponeses e a população trabalhadora, foram reprimidos em nome do “progresso”.

Em contrapartida à reeleição de Díaz, o Partido Antirreelecionista, posicionou Francisco Ignacio Madero (1873-1913) como candidato, porém, este foi preso durante viagem política pelo norte do país, na cidade de San Luis de Potosí. Com a prisão de Madero, Díaz se reelegeu. Madero logo foi libertado e fugiu para os Estados Unidos,

temendo a perseguição política. Enquanto esteve nos Estados Unidos, proclamou o Plano de San Luis de Potosí, convocando os mexicanos a se levantarem contra Díaz. A sua convocação se espalhou rapidamente e foi atendida pelos diferentes grupos que já estavam insatisfeitos com o governo de Porfirio. Assim, iniciou-se a fase política da revolução chamada de Maderista<sup>1</sup>, que se desenrolou de 1910 a 1913, com a derrota de Porfirio, que depois de cinco meses de conflito, em 25 de maio de 1911, após a queda de várias cidades tomadas pelos revolucionários, renuncia o governo.

A revolução já havia dominado todas as regiões do país e nesse momento, emergem dois centros geográficos principais. No Sul, forças camponesas concentradas no Estado de Morelos e lideradas por Emiliano Zapata (1879-1919) e no Norte, que, diferente do Sul, não possuía uma organização uniforme entre os seus revolucionários; e dividia-se em forças heterógenas, com a principal sendo liderada por Francisco Pancho Villa (1878-1923). Nesse momento, a revolução se transforma em um movimento com grupos políticos e sociais distintos e Madero não consegue controlar os que se juntavam a sua causa.

Por um lado, sofria oposição dos zapatistas, que a partir de novembro de 1911, passam a alinhar os seus interesses e objetivos revolucionários, com base no Plano Ayala, redigido por Emiliano Zapata, que refletia as demandas e objetivos do seu movimento. Com pontos principais, esse plano continha, por exemplo, recusa ao governo de Madero, solicitando a sua destituição, alegando que ele não havia cumprido as promessas de reforma agrária. E a tomada das terras expropriadas pelos fazendeiros, defendendo estas com armas em punho até o fim da revolução. Por outro lado, sofria oposição de outros grupos, inclusive dos alinhados aos ideais de governo de Porfirio Díaz que não aceitavam a derrota. Sobre a oposição a Madero, Barbosa (2010), pontua:

Além das resistências à esquerda, de Zapatistas e trabalhadores, Madero sofre oposição pela direita, de grupos remanescentes do porfiriato inconformados com a perda do poder. Eclodiram as revoltas do general Bernardo Reyes, na região nordeste; no norte, a dos irmãos Emílio e Francisco Vázquez Gómez; a de Pascual Orozco, um de seus primeiros partidários, a dos corpos auxiliares do Exército e de governadores. As duas revoltas de Orozco e dos irmãos Vázquez Gómez tiveram como palco mais precisamente o estado de Chihuahua. Para debelar essas rebeliões, Madero teve de reforçar o Exército comandado por Victoriano Huerta e viu-se obrigado a recorrer a empréstimos externos. (BARBOSA, 2010, p.70)

---

<sup>1</sup> Madero assumiu a presidência do México nas eleições de 1º de outubro de 1911. E até então era apoiado por várias frentes. Contudo, após chegar ao poder, perdeu seus principais apoiadores. Descontentes com seu governo hostil e fechado às transformações sociais. Para maior compreensão dos conflitos durante a fase Maderista, ver mais em Barbosa (2010) e Tobler (1994).

Com uma crescente oposição, o governo de Madero se fragilizou, rodeado de golpistas, ele não conseguiu se manter no poder. Em 1913, por meio de um golpe, o comandante do Exército, alinhado a Madero, Victoriano Huerta (1854-1916), destituiu o presidente e assume a presidência do país, assassinando Madero e o vice. Com Huerta no poder, as camadas populares se reorganizam e tomam a frente dos conflitos, eclodindo nos anos seguintes uma série de disputas. Sofrendo com a oposição das organizações populares e sem o apoio dos Estados Unidos, Huerta, renuncia em julho de 1914. Assume como presidente provisório Venustiano Carranza (1859-1920), que enquanto governador do Estado de Coahuila, foi o único, dentre os governadores, a não reconhecer o governo de Huerta como legítimo. Sobre esses primeiros anos de conflitos e idas e vindas políticas, Barbosa (2010), conclui:

Nesses primeiros anos da Revolução, verifica-se uma fragmentação das elites mexicanas e uma **gradual mobilização das camadas populares, capitaneadas pelas forças revolucionárias camponesas, em especial as zapatistas e villistas, tendo em segundo plano grupos urbanos provenientes de setores do proletariado e da classe média**. A mobilização das camadas populares levou a um novo degrau na luta revolucionária; o objetivo agora era a tomada do poder central. Com a derrota do Exército Federal e a saída de cena de Victoriano Huerta, era natural que a aliança multiclassista que enfrentara as forças contrarrevolucionárias entrasse em crise e abrisse espaço para uma guerra de classe”. (BARBOSA, 2010, p.75, grifo nosso)

No período de 1914 a 1915 os conflitos da revolução se intensificaram. Os grupos vitoriosos entraram em disputa, buscando definir o tipo de regime que desejavam construir. Nesse momento, são organizados os principais exércitos revolucionários, que ocuparam diferentes regiões do país. Além dos exércitos do Sul e do Norte, foram definidos os exércitos do Nordeste e do Noroeste. Cada um representava os interesses das forças sociais que se uniam aos seus grupos e, assim, foram formadas duas facções. A constitucionalista, que reunia os exércitos do Nordeste e Noroeste, alinhadas a Álvaro Obregón (1880-1928) e a Venustiano Carranza, que se aproximavam mais das organizações trabalhistas, pouco se interessava pela questão agrária. E a camponesa, representada pelos exércitos de Zapata e Villa, representando o caráter social e popular da revolução. Sobre as diferenças sociais e ideológicas dos grupos que se formam, Tobler (1994), pontua:

En este conflicto indudablemente tuvieron un papel importante **las grandes diferencias entre los principales líderes de la revolución, su rivalidade por el poder político e la falta de homogeneidad social** de las distintas alas de la

revolución, com sus diferentes ideas en cuanto a la reforma social. (TOBLER, 1994, p. 306, grifo nosso)

Interessa particularmente a este trabalho o exército do Norte, comandado por Francisco Pancho Villa, considerando que as referências a revolução presentes no livro de Laura Esquivel, *Como Água para Chocolate* (1989), concentram-se em Pancho Villa e nas suas forças da Divisão do Norte, os chamados villistas, que eram “compostas por cerca de trinta mil soldados, eram heterogêneas, formadas por camponeses, mineiros, vaqueiros, ferroviários, desempregados e bandidos, todos imbuídos de um vago projeto social”. (BARBOSA, 2010, p. 77)

Em 1914, apesar da união entre zapatistas e villistas, que culminou na ocupação da cidade do México por seus exércitos, não garante a hegemonia das classes populares na guerra civil. Após diversas batalhas, as tropas de Obregón tomam a cidade e são lançadas uma série de represálias a zapatistas e villistas, perpetuando a ala constitucionalista no centro do poder, marcando, o fim do período mais popular da revolução, comandado por indígenas e camponeses. Nos anos que se seguiram, os exércitos do Norte e do Sul não voltaram a se reunir, estavam separados geograficamente, mas, continuaram, atuantes em suas regiões, até os assassinatos dos seus líderes, Zapata em 1919 e Villa em 1923. Em 1916 começaram as movimentações para a Assembleia Constituinte, com a finalidade de promulgar uma nova Constituição para o país. Com as discussões comandadas pelos apoiadores de Obregón e Carranza, a constituição foi promulgada em 1917, sem a participação de zapatistas e villistas, que apesar de terem sido excluídos das decisões, suas ações foram influentes no desenrolar do processo que culminou na nova Constituição, como pontua Tobler (1994):

Aunque para la exclusión de villistas, zapatistas e ex huertistas, sólo los integrantes y partidários del constitucionalismo fueron elegibles al Congreso Constituyente, **es imposible negar la influencia indirecta de villistas y zapatistas sobre el transcurso del Congreso. Especialmente las demandas agrarias defendidas con gran tenacidad por los zapatistas** establecieron este problema en la conciencia política general a tal grado que influyeron persistentemente en las discusiones en torno al artículo 27, si bien de manera indirecta”. (TOBLER, 1994, p. 347-348, grifo nosso)

Os anos seguintes a promulgação da Constituição, foram marcados pela disputa política entre Obregón e Carranza. Em 1920, após o assassinato de Carranza, Obregón consegue se eleger presidente. Sua vitória representa o fim dos conflitos armados da revolução e marca o início do que é nomeado pela historiografia como “dinastia

sonorense”<sup>2</sup>, que dura de 1920 a 1934, tendo como principais governos, o de Obregón (1920-1924) e Plutarco Elias Calles (1924-1928), posicionando essa década no centro da formação do Estado mexicano moderno. A fase dos presidentes sonorenses foi rompida com a eleição de Lázaro Cárdenas, proveniente do norte do país, em 1934. Para Barbosa “Álvaro Obregón foi o caudilho apto a amearhar os fios que o carrancismo perdia. Era ele o homem capaz da conciliação jacobina, com camponeses, operários e os generais revolucionários”. (BARBOSA, 2010, p. 95)

Para Tobler (1994), às décadas de 1910 e 1920 representaram a perda da supremacia política das velhas oligarquias, sendo substituídas por uma nova classe dirigente revolucionária. Assim, às décadas seguintes, até 1940, se caracterizaram por uma transformação institucional mais profunda do Estado, como também de alguns setores da economia e da sociedade, abrindo caminho para o México pós-revolucionário. O governo de Lázaro Cárdenas, representante do Partido da Revolução Mexicana (PRM), que, mais tarde, em 1946 se transforma em Partido da Revolução Institucional (PRI), marca o início da “fase tardia da revolução”, pautada em políticas que retomaram algumas propostas da revolução. A reforma agrária durante o seu governo foi a mais significativa desde os anos iniciais da guerra civil, pois, alcançou um maior número de pessoas. Além disso, seu governo foi marcado pela nacionalização das indústrias petrolíferas. Barbosa diz que “a realização das reformas cardenistas só foi possível porque o Exército Federal – instrumento de poder da oligarquia – havia sido definitivamente eliminado pelas forças camponesas em 1914” (BARBOSA, 2010, p.109). Ressaltando a continuidade das ações revolucionárias camponesas, dentro do contexto de institucionalização do processo iniciado em 1910.

Ademais do legado que advém dos confrontos políticos e sociais, a Revolução mexicana marcou a cultura do país. As disputas pela memória da revolução estão expressas em diversas manifestações artísticas e culturais, como a pintura, através do movimento muralista que surge logo após a fase armada da revolução, tornando-se a principal corrente estética da arte moderna mexicana, tendo como principais representantes, David Alfaro Siqueiros; José Clemente Orozco e Diego Rivera. Esse último, manteve um relacionamento com Frida Kahlo, pintora mexicana que nasceu em

---

<sup>2</sup> A dinastia sonorenses, é a fase em que estiveram no poder três agentes principais: Adolfo de La Huerta (1920), Álvaro Obregón (1920-1924) e Plutarco Elias Calles (1924-1928). Ambos provenientes do Estado de Sonora.

1907, mas, como pontua Hayden Herrera <sup>3</sup>(1983), escolheu 1910, ano da eclosão da Revolução, como seu verdadeiro ano de nascimento. Decidiu que ela e o México moderno haviam nascido no mesmo ano. Além da pintura, a revolução é comumente representada na literatura do país, em livros como *Los de Abajo* (1915), de Mariano Azuela, *Pedro Páramo* (1955), de Juan Rulfo e *Como Água para Chocolate* (1989), de Laura Esquivel que é o objeto de análise desse trabalho. Sobre esse ponto, Barbosa (2010), diz:

A visão dos escritores com relação à Revolução Mexicana foi marcada pelo pessimismo com que interpretavam os acontecimentos. Consideravam bárbara a atuação dos camponeses e manifestavam uma profunda decepção para com os principais caudilhos revolucionários. Nesse sentido, suas imagens contrastam com as do muralistas, que, via de regra, deixaram uma visão positiva do processo revolucionário. (BARBOSA, 2010, p. 116)

A partir do exposto, entendemos a Revolução mexicana como um processo amplo, complexo, duradouro, de caráter nacional, popular e agrário. Que significou uma ruptura para história do México, influenciando a formação da identidade nacional e as políticas do país ao longo do século XX. Consolidando-se no imaginário social e no cenário político de tal forma que até a atualidade continua a ser objeto de estudo, interpretação e reinterpretação à medida que novas pesquisas, análises e perspectivas são postas à luz da historiografia, da pintura ou da literatura, provocando discussões em torno das suas ações, com pessoas, organizações e partidos políticos que defendem a sua história e o legado dos seus agentes.

### 3. INTERFACES ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA

*“Clío se aproxima de Calíope, sem com ela se confundir. História e literatura correspondem a narrativas explicativas do real que se renovam no tempo e no espaço, mas que são dotadas de um traço de permanência ancestral: os homens, desde sempre, expressaram pela linguagem o mundo do visto e do não visto, através das suas diferentes formas: a oralidade, a escrita, a imagem, a música”*

(PESAVENTO, 2006, p.2-3)

---

<sup>3</sup> Hayden Herrera é historiadora, especializada em história da arte latino-americana. Em 1983 lançou sua obra mais conhecida: *Frida, a biography of Frida Kahlo*. Foi traduzida no Brasil em 2011 e publicada pela editora Globo, com o título de *Frida: a biografia*,

Desde a antiguidade a relação entre História e Literatura é íntima. E muitas vezes indistinguível. As escritas históricas e literárias frequentemente se entrelaçavam e os relatos históricos por vezes assumiam formas literárias e os textos literários incorporavam elementos históricos. Tal relação pode ser exemplificada a partir de duas obras literárias clássicas do Ocidente, a *Ilíada* e a *Odisséia*, que em suma, contam a história do nascimento do povo grego, a partir de uma narrativa poética. Assim, é possível compreender que as discussões relacionais entre História e Literatura, perpassam as sociedades no decorrer dos séculos.

Mendonça e Alves (2013), pontuam que para compreender os paradigmas que permeiam as relações entre História e Literatura, é necessário voltarmos para as ideias defendidas por Aristóteles em sua obra *Poética*, em que o filósofo define a poesia como algo mais que a história por se referir ao universal, falando de verdades possíveis ou desejáveis, enquanto a história se refere ao particular, acontecido, não universais. Essa discussão ainda não findou e segue contribuindo para os estudos atuais que tratam da abordagem da escrita do passado em textos literários e históricos.

Assim concebidas, arte e história, ficção e verdade, constituíram manifestações opostas da inteligência. Com o avanço do racionalismo nos tempos modernos, tal contraposição seria acentuada, resultando na inversão dos termos apresentados por Aristóteles. (MENDONÇA e ALVES, 2013, p. 121)

Com a ampliação dos estudos historiográficos e o surgimento da Nova História Cultural<sup>4</sup> a partir da década de 1980 – corrente historiográfica que ganha notoriedade nas décadas finais do século XX. As maneiras como entendemos História e Literatura, foram transformadas e a literatura se tornou uma importante aliada da pesquisa historiográfica, com contribuições para esse debate, partindo de diversos teóricos. A partir de uma abordagem mais ampla e interdisciplinar, foi possível uma compreensão mais complexa da história, permitindo que historiadores explorem a influência recíproca entre a literatura e as mudanças culturais, sociais e políticas ao longo do tempo. Neste tópico, como assinalado no início deste trabalho, em um primeiro momento nos basearemos nas discussões propostas por Mendonça e Alves (2013), Pesavento (2006) e Sevckenko (1995), finalizando com algumas considerações a partir de Gomes (2021).

---

<sup>4</sup> Para maiores compreensões sobre as contribuições da Nova História Cultural para o campo relacional entre História e Literatura, ver as obras de Chartier e Pesavento: CHARTIER, Roger. *A História Cultural – entre práticas e representações*, Lisboa: DIFEL, 1990. PESAVENTO, Sandra J. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

Deste modo, nas suas discussões sobre as interfaces entre História e Literatura, são abordadas a importância das representações culturais, das práticas simbólicas e dos discursos na interpretação do passado e, portanto, a literatura é vista como uma lente através da qual podemos entender não apenas o passado, mas também a forma como este é interpretado e reinterpretado ao longo das gerações. A literatura é analisada em termos de seus símbolos, metáforas e narrativas, que muitas vezes refletem e contribuem para a construção de ideologias, valores e atitudes sociais. Visto que em sua maioria, os livros são escritos influenciados por um contexto, carregam a representação de uma época e, as interpretações de um mundo a partir do seu escritor. Representam pessoas, sociedades, costumes e o cotidiano. Permite imaginar e sentir. Livros ambientados durante acontecimentos históricos despertam sempre a curiosidade de quem os lê para o fato representado. Desta forma, Pesavento (2006), diz que:

A literatura é, pois, uma fonte para o historiador, mas privilegiada, porque lhe dará acesso especial ao imaginário, permitindo-lhe enxergar traços e pistas que outras fontes não lhe dariam. Fonte especialíssima, porque lhe dá a ver, de forma por vezes cifrada, as imagens sensíveis do mundo. A literatura é narrativa que, de modo ancestral, pelo mito, pela poesia ou pela prosa romanesca fala do mundo de forma indireta, metafórica e alegórica. **Por vezes, a coerência de sentido que o texto literário apresenta é o suporte necessário para que o olhar do historiador se oriente para outras tantas fontes e nelas consiga enxergar aquilo que ainda não viu.** (PESAVENTO, 2006, p. 07, grifo nosso)

Ademais, as obras literárias são utilizadas pelos historiadores como forma de acessar o passado, pensando a narrativa que não aconteceu como meio de resgatar o que aconteceu. Possibilitando, de acordo com Machado e Alves (2013), dialogando com o exposto por Pesavento (2006), uma aproximação poética em que os pontos de vista, contraditórios e convergentes, alinham-se, tornando a ficção uma leitora privilegiada dos acontecimentos históricos. E, portanto, as obras literárias ao serem analisadas a partir da perspectiva histórica, devem ser debatidas a partir de critérios que se atentam as abordagens e representações do fato. Pois, como pontua Pesavento (2006):

**A recorrência do “uso” de um campo pelo outro é, pois, possível, a partir de uma postura epistemológica que confronta as tais narrativas, aproximando-as num mesmo patamar, mas que leva em conta a existência de um diferencial.** Historiadores trabalham com as tais marcas de historicidade e desejam *chegar lá*. Logo, freqüentam arquivos e arrecadam fontes, se valem de um método de análise e pesquisa, na busca de proximidade com o real acontecido. Escritores de literatura não tem este compromisso com o resgate das marcas de veracidade que funcionam como provas de que algo

deva ter existido. Mas, em princípio, o texto literário precisa, ele também, ser convincente e articulado, estabelecendo uma coerência e dando *impressão* de verdade. Escritores de ficção também contextualizam seus personagens, ambientes e acontecimentos para que recebam aval do público leitor. (PESAVENTO, 2006, p.06, grifo nosso)

Em consonância com Pesavento (2006) e Mendonça e Alves (2013), Sevcenko (2003) considera que o entrelace entre História e Literatura está postulado, principalmente, no que tange as possibilidades de uso de uma área pela outra. Ambas se apoiam no real para se constituírem e dentro das suas diferenças de abordagens, dialogam. Permitindo, a visualização dos vestígios das ações humanas no tempo, possibilitando uma ampliação das fontes, a partir do entrelace entre a realidade e a possibilidade. Portanto, o Historiador ao analisar uma obra literária, no caso deste trabalho, o romance, é posicionado “sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram[...]o testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos”. (SEVCENKO, 2003, p.30)

Compreendendo as aproximações e possibilidades entre História e Literatura, é importante assinalar que, para a assimilação e entendimento das verossimilhanças presentes na narrativa de *Como Água para Chocolate*, romance que analisaremos e os acontecimentos da Revolução Mexicana, é necessário, além dos apontamentos feitos até então, considerar as particularidades da Literatura mexicana, que é fortemente influenciada pelos processos históricos da região e foi muito utilizada na construção do imaginário nacional. Para assim, entender as maneiras em que a Revolução é representada/apresentada nas obras literárias produzidas pelos escritores do país, visto que, enquanto um movimento complexo, o processo revolucionário foi e, mantém-se até a atualidade, posicionado no centro das discussões, artísticas, culturais, sociais e políticas.

O romance de Esquivel não apresenta uma narrativa inovadora para a Literatura mexicana, no que se refere às referências à Revolução. Pois, como já mencionado, outros clássicos da literatura do país, são ambientados durante os acontecimentos do período. Contudo, *Como Água para Chocolate*, consegue sustentar sua narrativa, construindo conexões entre os personagens e o leitor, de modo que, seja possível se enxergar nas expressões de amor, raiva, desejo, liberdade e luta, desenvolvidos nos personagens ao longo da obra. Tais características, estão associadas aos chamados “romances da revolução” – ou novelas em espanhol, em que, conforme as definições de Gomes (2021), são representadas possibilidades de ação e sentimentos a partir da verossimilhança, “[...]é a Revolução imaginada e concretizada nas páginas dos textos, cujos fatos sociais se

misturam a personagens que nunca existiram de verdade, mas atuam no romance como se tivessem existido”. (GOMES, 2021, p.25)

Desse modo, o romance de Esquivel, caminha entre a literatura e a história, permitindo entender as configurações sociais do México, especificamente da região Norte do país, perante os acontecimentos da Revolução mexicana. Caminhando entre o real e o irreal, representando o cotidiano dos personagens e suas histórias de luta, amor e liberdade, em uma sociedade marcada pelos anos iniciais do século XX e pelo processo político e social mais importante da história mexicana. Possibilitando ao historiador, a partir do uso da literatura como fonte, elementos essenciais para sua análise.

#### 4. COMO ÁGUA PARA CHOCOLATE

*Novela de entregas mensuales, con recetas, amores y remedios caseros*

(Planeta, 1989. 1ª edição)

##### 4.1 - A autora

Laura Esquivel é escritora e roteirista, nasceu em 30 de setembro de 1950, na cidade do México. Filha de Josefa Valdés e Julio Cesar Esquivel. Dedicou-se inicialmente ao ensino infantil, criando, escrevendo e dirigindo peças teatrais. Foi cofundadora da oficina de Teatro e Literatura infantil, anexada a Secretaria de Educação Pública da cidade do México. Enquanto professora infantil, ingressou na *Escuela Normal de Maestros* para estudar cinema. Foi durante esse período que conheceu o cineasta mexicano Alfonso Arau (1932-), com quem manteve um casamento que perdurou por mais de duas décadas.

Em 1983, Laura inicia a criação de roteiros para o cinema, com o filme *Chido One, el Tacos de Oro*, obra que foi indicada ao maior prêmio do cinema mexicano, o Ariel da Academia de Ciências e Artes Cinematográficas do México. Após a criação de diversos roteiros para o cinema, Esquivel, embarca na produção literária com seu primeiro romance *Como Água para Chocolate* (1989), best-seller traduzido para mais de 30 idiomas. O livro foi adaptado para o cinema em 1992, dirigido pelo cineasta Alfonso Arau e com roteiro da própria autora. O filme foi bem recebido pelo público e em 1994, a revista mexicana *Somos* incluiu *Como Água para Chocolate* na lista dos 100 melhores filmes do cinema mexicano.

No Brasil, *Como Água para Chocolate* foi traduzido em 1993, por Olga Savary, e publicado pela Editora Martins Fontes. Outras obras de Esquivel são: *A lei do amor*

(1995), *Íntimas suculências: tratado filosófico de cozinha* (1998), *O livro das emoções* (2000), *Tão veloz como o desejo* (2001), *Malinche* (2006) e *Lupita gostava de engomar* (2014). Em 2016, Laura lançou a continuação de *Como Água para Chocolate*, obra intitulada *O diário de Tita* em que desenvolve alguns pontos que ficaram soltos em seu primeiro romance. E em 2017, a autora lançou a obra *Mi negro pasado*, transformando a história de *Como Água para Chocolate* em uma trilogia.

Seu livro foi lançado em um período conturbado para a sociedade mexicana. O contexto de seu lançamento é significativo porque naquela década, o México era governado pelo PRI – Partido da Revolução Institucional e, mais especificamente, o país passava por uma fase de contestação da revolução e do seu legado. Envoltos no desenrolar de governos sucessivos do PRI, surge o Partido da Revolução Democrática – PRD que se define como herdeiro legítimo da Revolução e que disputa as eleições com o PRI, mas, acaba perdendo. E em 1994 durante o governo do priista Carlos Salinas de Gortari, o Exército Zapatista de Libertação Nacional – EZLN, do Estado de Chiapas, iniciou a sua rebelião, também reivindicando uma herança legítima da revolução. Sobre os temas presentes na narrativa de *Como Água para Chocolate*, Laura Esquivel, durante uma entrevista para a TV Senado, pontua:

[...]com o passar dos anos, foram se perdendo as conquistas da revolução mexicana. Porque as mudanças no mundo público, se não são acompanhadas de uma mudança interna, não vai acontecer nada. É o novo homem, que mudou por dentro, que vai gerar uma nova revolução ou uma nova maneira de viver. [...]e não podemos radicalizar a luta, ou separar a luta e determinar que é só lá. Temos que voltar e ver o que acontece. (TV Senado, 2013)

Ademais da literatura e da cinematografia, Laura Esquivel é também influente na política mexicana. Ligada ao Movimento de Regeneração Nacional (MORENA), foi eleita Deputada Federal na candidatura de 2015. Após a vitória de Manuel López Obrador (AMLO) a presidência do México em 2018, foi convidada para dirigir a Secretaria de Cultura do país, porém recusou. Atualmente, é embaixadora do México no Brasil, residindo em Brasília.

#### **4.2 - A obra e as referências a Revolução**

“*Como água para chocolate*” é uma expressão comumente utilizada no México para se referir ao estado de explosão, causado por algum sentimento, seja amor, desejo, felicidade e principalmente raiva. Tal expressão, dá nome ao livro de Esquivel, que por sua vez, evoca em sua obra uma explosão de sentimentos, que envolve o leitor com a

história narrada. Durante a narrativa, os personagens se encontram envolvidos em sentimentos diversos, assim, podemos considerar que o título da obra faz jus ao seu conteúdo e, portanto, nos debruçaremos sobre uma história tipicamente mexicana, com temperos, amores, liberdade e revolução. A forma como a autora utiliza a expressão pode ser observada nesse trecho:

Tita literalmente estava “como água para chocolate”. Sentia-se o mais irritável possível. Até o arrulho tão querido dos pombos, que já se haviam reinstalado no teto da casa e que no dia de seu regresso lhe haviam proporcionado tanto prazer, neste momento a incomodava. Sentia que a cabeça ia estalar como pipoca. Tentando impedi-lo, apertou-a fortemente com as duas mãos. (ESQUIVEL, 2015, p. 130)

Como *Água para Chocolate* é dividido em doze capítulos que são nomeados com os doze meses do ano. Cada capítulo traz uma receita tradicional do México e seu modo de preparo. Apesar de contar com um capítulo para cada mês do ano, a obra não apresenta uma história em ordem cronológica de um período de um ano, ou dois. Nos conta a história de vida da protagonista, Tita, ao longo de 39 anos, desde o seu nascimento, a sua morte e o seu legado.

O romance escrito por Esquivel, está inserido nas definições do “Realismo Maravilhoso”, compondo uma lista seleta com grandes nomes da Literatura Latino-americana, como: Gabriel García Márquez; Isabel Allende e Juan Rulfo. Na perspectiva adotada por Chiampi (2015), o “Realismo Maravilhoso” se contrapõe aos já conhecidos Realismo Mágico e Real Maravilhoso Americano. Portanto, Chiampi considera o termo Realismo Mágico ultrapassado e por isso, não é capaz de abranger o novo romance hispano-americano, no sentido lexical, poético e histórico. Desse modo, a sua definição, engloba as obras literárias que introduzem as suas narrativas em uma dualidade entre o real e o irreal, criando efeitos de sentido que colaboram com a estética da narrativa. Guiando as percepções do leitor durante o percurso da leitura. Irlemar Chiampi (2015) define o “Realismo Maravilhoso” como:

Maravilhoso é o “extraordinário”, o “insólito”, o que escapa ao curso ordinário das coisas e do humano. Maravilhoso é o que contém a maravilha, do latim *mirabilia*, ou seja, “coisas admiráveis”. [...] Em *mirabilia* está presente o “mirar”: olhar com intensidade, ver com atenção ou ainda, ver através. O verbo *mirare* se encontra também na etimologia de milagre – portento contra a ordem natural – e de miragem – efeito óptico, engano dos sentidos. [...] O maravilhoso recobre, nesta acepção, uma diferença não qualitativa, mas quantitativa com o humano; é um grau exagerado ou inabitual do humano, uma dimensão de beleza, de força ou riqueza, em suma, de perfeição, que pode ser *mirada* pelos homens. (CHIAMPI, 2015, p. 48)

Assim, em doze receitas, Esquivel escreve a história de Tita de La Garza, em uma narrativa maravilhosa, que caminha entre o real e o irreal. A protagonista é a terceira filha de “mamãe” Elena e Juan de La Garza, que também são pais de Rosaura, a mais velha e Gertrudis, a do meio. O pai de Tita morre alguns dias após o seu nascimento e o *rancho* da família fica sob o comando de mamãe Elena. Além de Tita, mamãe Elena, Rosaura e Gertrudis, também vivem no *rancho* da família as empregadas: Chenchá, que é uma jovem descendente de indígenas; Nacha, a cozinheira, uma mulher sábia, que também é descendente de indígenas, e que cuida de Tita como se fosse sua filha, principalmente após os traumas enfrentados por mamãe Elena, decorrentes da morte de seu marido. Desse modo, fica encarregada da tarefa de alimentar a recente órfã. É essa relação quase maternal entre a menina e sua cozinheira responsável por transformar os sentidos de Tita, que desenvolve um dom especial para a culinária, muito diferente de suas irmãs mais velhas, fazendo da cozinha o seu lar e refúgio para suas dores e aspirações. A cozinha se torna o seu combustível para a liberdade.

Em princípio, Tita é apenas o objeto de desejo da sua mãe. Não existe enquanto ser humano apto a tomar suas próprias decisões, nasceu apenas para cumprir os desejos da mãe. Mas, ao longo da narrativa, é transformada de objeto para sujeito, que toma suas próprias decisões. E assim acontece a Revolução de Tita. Sua luta por amor e liberdade, revoluciona os preceitos de uma tradição familiar que oprime e aprisiona. E a partir de sua “rebeldia”, garante que as futuras gerações da sua família, não estejam mais reféns desta.

Desse modo, assim como a Revolução mexicana, Tita também deixou um legado que é carregado por sua sobrinha neta que é quem narra a história, a partir de um livro de receitas encontrado algumas décadas depois: “Quando Esperanza, minha mãe, regressou de sua viagem de núpcias, só encontrou sob os restos do que foi o rancho este livro de cozinha que me deixou de herança ao morrer e que narra, em cada uma de suas receitas, esta história de amor enterrada. “[...]Tita, minha tia-avó, que **continuará vivendo enquanto houver alguém que cozinhe suas receitas.**” (ESQUIVEL, 2015, p.206, grifo nosso)

No decorrer dos capítulos, são narrados os acontecimentos da vida de Tita, dentro de dois núcleos principais: sua relação com mamãe Elena e seu amor por Pedro, sempre entrelaçados à cozinha. O primeiro ocorre porque devido a uma tradição familiar, Tita, por ser a filha mais nova, deve se encarregar de cuidar da mãe, não pode casar e abandonar

o *ranchito* da família. Ou seja, estaria sempre atada a sua mãe. O segundo porque, sem esperar ou planejar, acaba se apaixonando por Pedro, essa que será uma relação impossível devido à tradição familiar e que fica ainda mais complicada porque Pedro, sabendo que Tita não pode se casar e desejando estar próximo a ela, acaba casando com a sua irmã mais velha, Rosaura. A partir disso, o livro narra os anos da vida de Tita e todo o seu sofrimento e luta por superar a tradição familiar que lhe aprisiona, desejando alçar voo rumo a sua liberdade.

Os sentimentos de Tita são incorporados às receitas que ela cozinha, provocando estranhas reações nas pessoas que as comem. Fazendo um entrelace entre o processo da revolução à vida de Tita, Esquivel cria uma narrativa de sofrimento, sabores, lutas, esperança e revolução. No livro, a Revolução mexicana é utilizada para situar o leitor cronologicamente nos acontecimentos da narrativa. Tita se apaixona por Pedro, pouco antes do seu aniversário de dezesseis anos e, pelos indícios presentes na obra, o romance entre Tita e Pedro nasce junto com a Revolução, em 1910. Os encontros e desencontros desse amor, estão atrelados a fases distintas, acompanhando os acontecimentos do contexto político. Desse modo, a Revolução mexicana é trabalhada por Esquivel ao longo de toda obra, e em alguns momentos aparecem referências mais diretas a datas, localidades e pessoas.

No tocante as referências a Revolução presentes no livro, de início podemos apontar a ambientação regional da narrativa: o *ranchito* da família de La Garza, que fica na área rural da cidade de Piedras Negras, no Estado de Coahuila, Norte do México, fazendo divisa com a cidade de Eagle Pass, no Texas, EUA. A família de La Garza, dentro dos acontecimentos da Revolução, em consonância com as características do Norte do país, seria parte dos pequenos proprietários de terra que compuseram a classe média da região, os chamados *rancheros*.

Historicamente, o Norte mexicano foi cenário de grandes enfrentamentos desde o início do processo revolucionário, impactando diretamente à sua população, que era afetada pela dificuldade de conseguir suprimentos, pelo medo devido à instabilidade política, pela violência dos embates e, principalmente, pelo terror criado no imaginário popular referente à visão que se tinha dos combatentes revolucionários. Ademais, conforme Barbosa (2010), no final do século XIX, os investimentos estrangeiros, especialmente norte-americanos e britânicos, deram origem a novos empreendimentos, que atraíram ondas migratórias e concentraram grandes quantidades de operários no norte

do país, contribuindo para o envolvimento da população nortista nos embates revolucionários. Como pontua Barbosa:

O censo revelou a tendência da população de emigrar para o norte, atraída pelo desenvolvimento econômico dessa região, e de concentrar-se cada vez mais em cidades, em virtude das melhores condições de trabalho; por outro lado, o censo também documentou a expansão das grandes propriedades no campo. O crescimento médio da população era 2% ao ano. Para a economia, 1910 foi um ano de avanços: a crise parecia ter sido superada e todos os dados indicavam progresso e bonança para os anos vindouros. (BARBOSA, 2010, p.60).

Na obra, a primeira referência direta a revolução acontece durante os preparativos para o casamento de Pedro e Rosaura: "Realmente tiveram sorte de ter conseguido seda francesa nestas épocas de instabilidade política. **A revolução não permitia que uma pessoa viajasse de maneira segura pelo país.**" (ESQUIVEL, 2015, p. 34, grifo nosso). Exemplificando as dificuldades de acesso a produtos que comumente se concentravam na capital e pela dificuldade de locomoção, devido aos embates da guerra.

Por ser ambientada na região norte do país, as referências à revolução na obra se concentram em Pancho Villa, seu exército revolucionário do Norte e nos federais. Francisco "Pancho" Villa, nasceu como José Doroteo Arango Arámbula, em 5 de junho de 1878. É um dos agentes da revolução com maior destaque no tocante às memórias do processo revolucionário. Sua imagem é representada e referenciada, não apenas na literatura, como também na música e no cinema. Além disso, como outros agentes de processos históricos, a sua imagem é comumente associada a lendas e mitos que muitas vezes são utilizadas para deslegitimar a relevância do fato histórico. De todo modo, Pancho Villa, enquanto figura histórica, é uma representação simbólica de luta, rebelião e justiça social no imaginário popular.

Ao longo do livro, Esquivel lida com diversas interpretações e versões criadas em torno de Pancho Villa e dos revolucionários. Podemos dizer que com isso, a autora indica uma postura favorável ao movimento. Em alguns trechos são pontuadas as visões de alguns personagens diante dos revolucionários, seja de medo, desconhecimento, ou até uma visão romântica e sensual, transformando-os em objetos de desejo. Em uma passagem, a personagem Gertrudis, irmã de Tita, passa por um momento de euforia sexual perante o imaginário dos revolucionários: "[...] começou a suar e a imaginar o mesmo que sentiria se estivesse sentada no lombo de um cavalo, abraçada por um soldado villista, um desses que tinha visto uma semana antes entrando na praça da cidade, cheirando a

suor, terra, amanheceres de perigo e incerteza, a vida e a morte”. (ESQUIVEL, 2015, p.49).

É nesse momento da passagem citada acima que Gertrudis decide fugir com um soldado villista, de nome Juan. Após a fuga de sua irmã, Tita precisa pensar em como contar a mamãe Elena, que era uma mulher exigente, “tradicional” e, portanto, bastante rígida com as suas filhas. Tita decide então, culpar os federais e não o soldado villista: “Decidiu-se por dar uma versão na qual os federais, **de quem Tita não gostava**, tinham entrado em tropel, tinham posto fogo nos banheiros e tinham raptado Gertrudis” (ESQUIVEL, p.55, grifo nosso). O trecho evidencia uma aversão de Tita aos federais, indicando uma postura favorável à revolução e aos revolucionários.

Como já mencionado, Esquivel trabalha com múltiplas interpretações referente aos revolucionários. Inclusive a de que a revolução está atrelada a mitos que visam invalidar a ação dos agentes revolucionários e sua luta. Essa postura está inserida no livro em um diálogo entre Chenchá e Tita, no qual Chenchá narra para Tita as barbáries causadas pelos revolucionários: “[...]Em outro momento teria gostado de se entregar ao sortilégio da graciosa narrativa de Chenchá **e terminar por crer em suas mentiras, inclusive a de que Pancho Villa levara os corações sangrando de seus inimigos para que os comesse, mas, não agora**” (ESQUIVEL, 2015, p.64, grifo nosso).

Por narrar a vida de Tita e a relação com o seu núcleo familiar em doze capítulos, contendo acontecimentos de um período de 39 anos, o romance dispensa algumas descrições mais detalhadas sobre momentos das vidas dos personagens. Durante as passagens aqui descritas, Rosaura e Pedro estão casados, Nacha, a cozinheira e maior aliada de Tita, morreu e agora Tita é a responsável pelo preparo das refeições no *rancho* da família. Apesar da passagem dos anos, Tita segue amando Pedro e ele a ela, ambos convivendo na mesma casa sob a supervisão de mamãe Elena, que sabendo desse amor, faz de tudo para mantê-los afastados. Após a fuga de sua irmã Gertrudis, Tita desejou ainda mais a sua liberdade, abominando todos os dias a tradição familiar que a prende a mamãe Elena, essa que faz questão de tornar a sua vida impossível e que só a deixará livre após a sua morte. De qualquer modo, discutir a relação dos personagens para além da Revolução mexicana, não é o objetivo desse trabalho, porém, algumas colocações são necessárias para demonstrar aspectos familiares daquela sociedade que estava sendo representada.

Continuando com às referências a revolução presentes na obra, conforme já pontuamos, a história de Tita acompanha a revolução e, em alguns momentos, é afetada diretamente por esse fato histórico, como no caso da fuga da sua irmã com um soldado villista. Outro momento em que a vida de Tita é afetada diretamente pela guerra, acontece durante o nascimento do seu sobrinho, primeiro filho de Rosaura e Pedro. No dia em que a criança nasce, mamãe Elena e Chenchá haviam ido ao mercado com o propósito de abastecer a dispensa que já estava escassa, devido à dificuldade de locomoção até a cidade por conta da instabilidade política, como a autora deixa evidente no seguinte trecho: “Não fizeram isto antes por causa da chegada dos federais e de sua perigosa permanência na cidade, que as tinha impedido” (ESQUIVEL, 2015, p.66). Nesse dia, Pedro vai em busca do médico da família em Eagle Pass, mas acaba capturado pelos federais. Tita se encontra sozinha em casa com a sua irmã e acaba fazendo o parto da criança.

Em outro momento, uma tropa de revolucionários chega ao rancho da família, com a finalidade de conseguir suprimentos. Nesse momento, é pontuada mais uma vez a visão negativa que alguns personagens conservam sobre a revolução. O trecho a seguir se refere a mamãe Elena:

[...]As referências que lhe haviam dado dos revolucionários não eram nada boas, **e claro que tampouco eram confiáveis**, pois provinham do Padre Inácio e do Presidente Municipal de Piedras Negras. Por eles tinha conhecimento de como entravam nas casas, como arrasavam com tudo e como violavam as moças que encontravam em seu caminho” (ESQUIVEL, 2015, p.80, grifo nosso).

Ao chegar no *rancho*, encontraram mamãe Elena na entrada da casa com sua escopeta, acompanhada de dois trabalhadores. A postura de mamãe Elena intimidou os revolucionários, informando que poderiam levar o que encontrassem fora da casa, pois, dentro desta não entrariam. Admirado com a sua postura, o capitão da tropa obedeceu e com essa atitude pôde mudar a visão que mamãe Elena tinha sobre os revolucionários: “[...]e mamãe Elena ficou muito desconcertada diante da atitude que haviam tido para com ela. **Não correspondia à fama de valentões desalmados que esperava**. Desde esse dia preferiu não opinar sobre os revolucionários” (ESQUIVEL, 2015, p.83, grifo nosso).

Alguns anos mais tarde, no desenrolar da narrativa, mamãe Elena morreu, Tita se viu livre da sua mãe, poderia casar e viver a vida que queria, mas, ainda não podia viver abertamente o seu amor com Pedro, este ainda estava casado com Rosaura que ao longo dos anos desenvolveu sérios problemas de saúde. Neste período, Tita e Pedro começaram a se encontrar às escondidas e os sentimentos de Tita estavam mais confusos do que

nunca. Se sentia perdida e sozinha. Para sua alegria, recebeu a visita da sua irmã Gertrudis, com quem sempre teve maior proximidade, e após muitos anos sem vê-la pode enfim desabafar tudo que a estava atormentando. Gertrudis chegou ao *rancho* da família acompanhada por sua tropa:

Era *general* do exército revolucionário. Esta nomeação havia conseguido a pulso, lutando como ninguém no campo de batalha. Trazia no sangue o dom do comando quando ingressou no exército, rapidamente começou a escalar postos no poder até alcançar o melhor de todos”. (ESQUIVEL, 2015, p.152-153)

Historicamente, a Revolução mexicana contou com a participação feminina de maneira ativa, mas, o termo *general* não é oficial. O termo utilizado com frequência para se referir as mulheres da revolução é *soldadera*. Portanto, o termo empregado é de livre criação da autora. Não nos aprofundaremos nesse aspecto, pois, analisar a participação das mulheres na revolução não é o objetivo deste trabalho, mas, pontuamos, que existem trabalhos disponíveis para compreensão desse aspecto, como *Las soldaderas: mujeres na Revolución mexicana de 1910* de Marcela de Castro Torsi (2016); *Los Rostros de la Rebelión: Veteranas de la Revolución mexicana (1910-1939)* de Martha Eva Rocha Islas (2016) e *Todos a entrar y el que tenga miedo que se quede a cocer frijoles: las soldaderas de la Revolución Mexicana* de Tabea Alexa Linhard (2003).

Seguindo o processo revolucionário atrelado à narrativa da história, Tita e Pedro só ficam juntos publicamente por volta de 1933-1934, após a morte de Rosaura, período em que os embates armados da Revolução mexicana haviam passado: “O chão estremecia, a luz bruxeleava. Pedro pensou por um momento que com estrondosos tiros de canhão **a revolução havia recomeçado, porém descartou essa possibilidade pois no país reinava muita calma**”. (ESQUIVEL, 2015, p. 194, grifo nosso). Nesse dia, aconteceu o casamento de Esperanza, segunda filha de Pedro e Rosaura. Tita estava com 39 anos, e conforme os indícios da narrativa, iniciava-se no México uma etapa mais tranquila, sob o governo do general Lázaro Cárdenas. Conforme já pontuamos, ele era proveniente do centro do país, diferente dos presidentes anteriores, que eram do Norte. Cárdenas governou o país até 1940 e os pontos centrais do seu governo, foram: a distribuição de terras, que se deu de forma mais acentuada que nos demais governos e a sua política reformista de nacionalização das indústrias petrolíferas.

Conforme o que é demonstrado na obra de Esquivel e o que conhecemos sobre a Revolução mexicana, Tita chegou ao mundo em um momento de transição social no final do século XIX e passou a sua juventude, conforme a narrativa, envolta aos

acontecimentos da Revolução mexicana, no século XX, sob os preceitos de uma tradição familiar que questiona, porém, é submetida quase toda vida. No fim, Tita só encontra a liberdade de viver o amor que sempre desejou, quando morre. A protagonista desta história de amor, sabores, liberdade e revolução, morre no mesmo dia do seu amado, Pedro, durante um incêndio no *rancho* da família. Podemos pontuar que o incêndio no *rancho*, simbolicamente, marca o fim do México rural, condição que impulsionou os movimentos revolucionários, liderados por indígenas e camponeses. Marcando o início do México moderno, como fica evidente no seguinte trecho: “Com o tempo, minha mãe mandou construir nesse terreno um pequeno edifício de apartamentos”. (ESQUIVEL, 2015, p.206).

E assim, em “Como Água para Chocolate” a Revolução mexicana está inserida de forma direta no cotidiano dos personagens. Exemplificando que o movimento revolucionário, afetou a mentalidade e as ações da população. Apesar do romance não tratar diretamente das fases e processos da revolução, faz uso do contexto histórico da época para criar um pano de fundo que influencia diretamente os personagens e os eventos da história, explorando temas como liberdade, amor e tradição em um período de mudanças sociais e políticas no México.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto, entendendo as possibilidades dos usos da História e Literatura, compreendemos que o escritor, de uma forma ou de outra, está traduzindo o que circula consciente ou não na sociedade, aquilo que está presente clara ou subliminarmente. Laura Esquivel, lançou *Como Água para Chocolate (1989)*, em um período de contestação e disputas pelo legado da Revolução, em que estavam sendo debatidas e contestadas a real efetivação do processo revolucionário, após várias décadas da sua etapa armada. Assim, entendemos que a literatura nunca parte do nada e o escritor sempre parte de alguma coisa.

Portanto, o romance supracitado, retrata, dentro da sua narrativa, que caminha entre o real e o irreal, o movimento popular mais importante do México e, diferente de outros autores da literatura, que comumente abordam a Revolução a partir de aspectos pessimistas, Laura Esquivel constrói a história de Tita e sua luta por amor e liberdade em conformidade com os antigos muralistas, que enxergavam a Revolução dentro das suas características populares e revolucionárias. Assim, a obra apresenta uma Revolução

urgente, levada a cabo por camponeses, indígenas, homens e mulheres, regados por sonhos e esperança de um país transformado socialmente, politicamente e economicamente.

Ademais, considerando o que foi mostrado sobre a autora e a sua narrativa. Compreendemos que o livro de Esquivel se posiciona como um chamado aos mexicanos, permitindo captar a necessidade de voltar aos anos revolucionários, através da literatura, para absorver um pouco da sua esperança em mudar o presente, possibilitando a construção e fortalecimento das ideias de uma democracia social mais popular e efetiva. Entendendo que apesar da Revolução ter acabado, a luta por justiça social deve continuar. E as batalhas travadas no passado, motivadas pela esperança de melhores condições de vida, mantem-se no presente, transformando-se em combustível para as lutas intermináveis que seguem a nossa história.

## REFERÊNCIAS:

BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. **A Revolução Mexicana**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

CHIAMPI, Irlemar. **O realismo maravilhoso: forma e ideologia no romance hispano-americano**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

CORRÊA, Anna Maria Martinez. **A Revolução Mexicana (1910-1917)**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Diplomacia Business. **Laura Esquivel é confirmada como nova embaixadora do México no Brasil**. 17 de maio de 2022. Disponível em <<https://www.diplomaciabusiness.com/laura-esquivel-e-a-confirmada-como-nova-embaixadora-do-mexico-no-brasil/>>. Acesso em 07 de junho de 2023.

ESQUIVEL, Laura. **Como Água para Chocolate**. Tradução de Olga Savary. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

GRECCO, Gabriela de Lima. **História e literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação**. In: Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. vol. 6 nº 11, julho de 2014. Disponível em

GOMES, Warley Alves. **Uma história intelectual do romance da Revolução Mexicana: escritores, camadas populares e ideias em circulação**. 2021, 469 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2021. Disponível em <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/45582>>. Acesso em 12 de julho de 2022.

KATZ, Friedrich. **Pancho Villa y la Revolución Mexicana**. Revista Mexicana de Sociología. México, v.51, n.1, 1989.

MENDONÇA, Carlos V. C. de; ALVES, Gabriela S. **Os desafios teóricos da história e a literatura**. Contraponto, Teresina, v. 2, n. 1, p. 119-129, ago. 2013. Disponível em <<https://revistas.ufpi.br/index.php/contraponto/article/view/4259>>. Acesso em 28 de julho de 2023.

MIRANDA, Kátia Rodrigues Mello. **A pedra e a água: uma leitura comparada de Pedro Páramo (1955), de Juan Rulfo, e Como água para chocolate (1989), de Laura Esquivel**. 2013. 227 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2013. Disponível em <<https://repositorio.unesp.br/items/f7a039d4-3b6e-4155-8f66-021f53809a83>>. Acesso em 20 de agosto de 2023.

ORONA, Karla. **Frase Mexicana: “Estoy como agua para chocolate”, conoce su significado y origen**. 16 de fevereiro de 2022. Disponível em <<https://heraldodemexico.com.mx/tendencias/2022/2/16/frase-mexicana-estoy-como-agua-para-chocolate-conoce-su-significado-origen-379134.html>>. Acesso em 05 de junho de 2023.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & Literatura: Uma velha-nova história**. Nuevo Mundo Nuevos Mundos. Debates, 28 de janeiro de 2006. Disponível em <<http://journals.openedition.org/nuevomundo/1560>>. Acesso em 15 de julho de 2023.

Redacción el Universal. **Laura Esquivel renuncia a subsecretaría de cultura com AMLO**. 09 de novembro de 2018. Disponível em <<https://www.eluniversal.com.mx/cultura/laura-esquivel-renuncia-subsecretaria-de-cultura-con-amlo/>>. Acesso em 15 de junho de 2023.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criações culturais na primeira república**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TOBLER, Hans Werner. **La revolución mexicana: transformación social y cambio político, 1876-1940**. México: Alianza Editorial, 1994.

TV Senado. **O livro ‘Como Água para Chocolate’, da escritora mexicana Laura Esquivel, é destaque no Leituras**. YouTube, 13 de março de 2023. Disponível em <<https://youtu.be/4lRu6CTtNMQ?si=YGz9BkBW-RAV2nMw>>. Acesso em 10 de junho de 2023.